A ETERNIDADE DE DEUS  
-  
Em sua análise da eternidade de Deus, Charnock faz várias distinções importantes a fim de mostrar que a eternidade, quando devidamente considerada, implica que em Deus não existe princípio, nem fim, nem sucessão temporal. Charnock inicia observando que a noção de eternidade é difícil de entender. Na tentativa de entender a eternidade, Charnock contrasta esse atributo de Deus com o conceito de tempo. Eternidade é a duração perpétua, sem começo nem fim, mas o tempo tem tanto um começo quanto um fim. Aquilo que começa possui necessariamente uma sucessão de partes. Mas a eternidade é “contrária ao tempo e, portanto, é um estado permanente e imutável”. Charnock acrescenta que a eternidade é:  
-  
“uma posse perfeita da vida, sem variação alguma; abrange em si mesma todos os anos, todas as épocas, todos os períodos de épocas; nunca começa; perdura depois de cada período de tempo e nunca cessa; até excede o tempo, pois existia antes do início dele. O tempo pressupõe algo antes dele; mas não pode existir nada antes da eternidade”.  
-  
Ele associa a Deus esse conceito de eternidade, ao explicar que, por ser Deus, Deus tem de ser eterno, e essa eternidade pertence devidamente somente a Deus. De modo característico, Charnock fala da eternidade como um atributo negativo, ou seja, é a negação de medidas de tempo em Deus, numa abordagem bastante parecida com a do atributo da imensidão, que é a negação de que Deus tenha limitações de espaço. Assim como “a imensidão é a difusão de sua essência, assim a eternidade é a duração de sua essência [...] Sua duração é tão interminável quanto sua essência é ilimitada”. As escrituras falam constantemente de Deus como alguém sem começo nem fim; ele é o Deus eterno (Gn 21.33; Rm 16.26). Nada pode dar existência a si mesmo. Ações, quaisquer que sejam, dependem de existência. Em outras palavras, uma causa precede um efeito. A existência de Deus prova que seu ser não procede de outrem – doutra forma não seria Deus – e, assim, necessariamente é eterno. Charnock explica ainda mais: “Por esse motivo, quando dizem que Deus é a causa de si mesmo e que procede de si mesmo, não queremos dizer que Deus deu existência a si mesmo, mas que deve ser negativamente entendido que fora do próprio Deus não há causa para sua existência”. Em primeiro lugar, a eternidade de Deus prova, então, que ele não teve começo. De modo semelhante, Deus não tem fim. Aqui também são abundantes as passagens escriturísticas que dão testemunho dessa verdade (veja Sl 9.7; Ap 4.9,10; Sl 102.27) Pelo fato de Deus não precisar de nada, não existe nenhum motivo para ele deixar de existir. Charnock acrescenta que Deus não pode abandonar a si mesmo, “pois nada pode fazer a não ser amar a si mesmo como o bem melhor e supremo”.

-

Por fim, como em Deus não há começo algum nem fim algum, não existe sucessão alguma em Deus. Céu e inferno existem para sempre, mas não é apropriado chamá-los de eterno, visto que tiveram começo. Só Deus é eterno porque só ele não tem começo nem fim. Teólogos reformados também tiveram o cuidado de afirmar que Deus não está sujeito à sucessão temporal, ou seja, em Deus não existe nenhum antes e nenhum depois. Para Deus não existe passado nem futuro, apenas o presente. A ideia de eternidade envolve não apenas a ausência de início e fim, mas também a ausência de sucessão temporal, pois, de acordo com Charnock, “não possuir nenhuma sucessão, nada primeiro nem último, indica mais precisamente a perfeição de um ser em relação à sua essência”. Ademais, devido à perfeição (simplicidade) do seu ser, Deus “não recebe nada como acréscimo ao que era antes”. O resumo que Charnock faz desse axioma da doutrina reformada de Deus é apresentado de uma maneira que o leigo mediano – que deve ter ouvido esses sermões pregados por Charnock – conseguia entender:

-

“Em sua essência, [Deus] não é hoje o que não era antes e não será amanhã e no próximo ano o que não é agora. Todas as suas perfeições são em cada momento absolutamente perfeitas nele, antes de todas as eras, depois de todas as eras. Assim como a totalidade de sua essência é indivisa em todo lugar bem como num espaço imenso, da mesma forma ele tem o seu ser todo num único momento de tempo bem como em infinitos intervalos de tempo [...] Ele é o que sempre foi e é o que sempre será”.

-

Fonte: Teologia Puritana, pág. 105-108. Editora Vida Nova.